

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
FACULDADE DE LETRAS
HELEN MAIKA BRASIL BEZERRA

**UM OLHAR DECOLONIAL DA MULHER NUMA PERSPECTIVA HIPER-
REALISTA DISTÓPICA EM MULHERES EMPILHADAS, DE PATRÍCIA MELO**

MACEIÓ
2024

HELEN MAIKA BRASIL BEZERRA

**UM OLHAR DECOLONIAL DA MULHER NUMA PERSPECTIVA HIPER-
REALISTA DISTÓPICA EM MULHERES EMPILHADAS, DE PATRÍCIA MELO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de LETRAS-ESPAÑHOL da
Universidade Federal de Alagoas, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Letras-Espanhol.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Matias.

MACEIÓ-AL

2024

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

B574o Bezerra, Helen Maika Brasil.

Um olhar decolonial da mulher numa perspectiva hiper-realista distópica em
Mulheres Empilhadas, de Patrícia Melo / Helen Maika Brasil Bezerra. – 2024.
18 f. : il.

Orientador: Marcus Matias.

Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Letras - Espanhol) – Universidade
Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2024.

Bibliografia. f. 17-18.

1. Gênero e violência. 2. Romance policial. 3. Decolonialidade. 4. Distopias na
literatura - Mulheres. I. Título.

CDU: 82-312.4

HELEN MAIKA BRASIL BEZERRA

Um olhar decolonial da mulher numa perspectiva hiper-realista distópica em *Mulheres Empilhadas*, de Patrícia Melo

Trabalho de Conclusão de Curso/ submetido à banca examinadora do curso de Letras-Espanhol da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 04 de abril de 2024 .

(Orientador(a) – Prof. Dr, Marcus Vinícius Matias, Faculdade de Letras)

Banca examinadora:

(Examinador(a) Externo – Prof. Dr., Jozeph Queiroz, Faculdade de Letras)

(Examinador(a) Interno(a) – Prof. Dr., Ana Barandela, Faculdade de Letras)

À espiritualidade,
à Dona Ângela!

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar este trabalho primeiramente à espiritualidade, que nunca me deixou sozinha nas jornadas da vida.

Sou grata à minha família: minha avó, Dona Ângela, meu pai, José Brasil, minha mãe, Rosilene Brasil, minha irmã, Angela Morgana, meu irmão, Arthur Terto, aos meus tios, Rosenilda Brasil e Antônio Terto e, ao meu cunhado, Ligne Farias.

Não posso deixar de mencionar o meu filho, Edgar Otto, o grande divisor de águas da minha jornada e meu maior catalisador.

Ao meu companheiro, Edivar Pimentel, pela força e motivação nos últimos dias.

Aos amigos que a universidade me presenteou, em especial, Jessica e Anderson.

Ao meu orientador, Marcus Vinícius Matias, por todo apoio, contribuição e orientação no meu trabalho.

A todos os professores e professoras que fizeram parte da minha jornada na universidade.

À professora Flávia Colen Meniconi, que me inseriu no universo da pesquisa.

À professora Ana Barandela, que me inseriu no universo da literatura de ficção criminal.

Ao professor Andrey Monteiro, pelo companheirismo nas discussões acadêmicas.

A todos vocês minha eterna gratidão e memória.

*"É vista quando há vento e grande vaga
Ela faz um ninho no rolar da fúria e voa firme
e certa como bala
As suas asas emprestam à tempestade"*
– Maria Bethânia

RESUMO

Este trabalho é resultado da análise elaborada através do romance *Mulheres Empilhadas* de Patrícia Melo e teve como objetivo identificar o que caracteriza um olhar decolonial sobre a mulher no romance de Melo e como a violência de gênero é representada através do hiper-realismo distópico. Para a análise esta investigação apoiou-se nos estudos em torno de gênero numa perspectiva decolonial e na teoria em torno da violência com o enfoque do hiper-realismo distópico. A partir da análise pode-se notar que o olhar decolonial para as mulheres no romance de Melo se constrói através das releituras que se estabelecem entre mulher e sociedade. Assim também o conceito do hiper-realismo distópico nos serve como categoria mobilizadora para a leitura da violência de gênero intrínseca ao romance de Melo.

Palavras-chave: violência de gênero; ficção criminal; decolonialidade; hiper-realismo distópico; mulher.

RESUMEN

Este trabajo es el resultado del análisis elaborado a través de la novela *Mulheres Empilhadas* de Patrícia Melo y tuvo como objetivo identificar lo que caracteriza una mirada decolonial sobre la mujer en la novela de Melo y cómo la violencia de género es representada a través del hiperrealismo distópico. Para el análisis esta investigación se apoyó en los estudios alrededor de género en una perspectiva decolonial y en la teoría en torno a la violencia con el enfoque del hiperrealismo distópico. A partir del análisis se puede notar que la mirada decolonial para las mujeres en la novela de Melo se construye a través de las relecturas que se establecen entre las mujeres y sociedad. Así también el concepto del hiperrealismo distópico nos sirve como categoría movilizadora para la lectura de la violencia en la obra de Melo.

Palabras clave: violencia de género; ficción criminal; decolonialidad; hiperrealismo distópico; mujer.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do livro.....

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. DO CONTEXTO HISTÓRICO DA FICÇÃO CRIMINAL

2.1 A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM DETETIVE FEMININA

3. A DETETIVE EM MULHERES EMPILHADAS: GÊNERO E DECOLONIALIDADE.

3.1 A VIOLÊNCIA DE GÊNERO E O HIPER REALISMO DISTÓPICO.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho partiu originalmente da pesquisa que desenvolvi em projeto integrador 6 que teve como cerne de investigação *A representação de gênero na ficção criminal cinematográfica*, no qual propus a fazer uma análise comparada entre as personagens Blanca (Maggie Civantos), da série *Malaka* (2019), e Sara (Megan Montaner), da série *La Caza. Monteperdido* (2019-2023).

Nesta análise busquei identificar como ocorria o processo de representação da mulher no papel de detetive, dentro do universo da ficção detetivesca no cinema, e os embates que acontecem entre as ideias de representação e representatividade.

Após o projeto, me inscrevi em uma disciplina eletiva de literatura, *Histórias de Detetive e de Violência* (2022), ministrada pelo professor e orientador nesta pesquisa, Marcus Matias. Nessa disciplina confirmei meu interesse em pesquisar na área de literatura de ficção detetivesca com enfoque na mulher.

De início, pensei em retomar a investigação do tema da representação da mulher na ficção detetivesca, por entender os estudos de gênero como relevantes e atuais para os estudos críticos literários, principalmente por levantar questionamentos sobre a forma como a mulher é representada em diferentes contextos literários.

Dessa forma, minha problemática levantada para a pesquisa anterior era: de que forma as mulheres são representadas no romance de crime e investigação? Definindo o campo de pesquisa e a temática que iria abordar tive que selecionar a obra em que incidiria minha investigação, a qual foi *Mulheres Empilhadas* (2019), de Patrícia Melo.

Os aspectos estéticos da obra logo me chamaram a atenção. Isto é, a forma como a autora construiu o romance, se desviando do padrão de narrativas criminais clássicas e até grande parte das contemporâneas, entre as quais conseguimos encontrar com mais clareza a forma como os personagens irão lidar com as situações de crime. Em outras palavras, no romance de Melo não encontramos familiaridades, mas grandes surpresas.

À medida que a narradora-personagem ia apresentando o cenário, as problemáticas em torno da narrativa, sua jornada e as outras personagens, percebi que haveria muito o que discutir. Quero dizer, a reflexão não poderia se limitar apenas à questão da representação da mulher.

Nesse sentido, a violência de gênero e a forma como as mulheres são concebidas nesta narrativa são as principais temáticas do romance, que buscarei abordar na investigação, pois

estão estreitamente ligadas à construção da obra, conforme pode se observar nos tópicos a seguir.

Depois dessas reflexões, conversando com o orientador, encontrei uma possibilidade em encerrar o principal foco de análise, que consegue abarcar, por sua vez e de uma maneira mais profunda, o tema da violência de gênero, intrínseco à narrativa.

Por conseguinte, a pesquisa se propõe a analisar, por meio de um olhar decolonial, a relação entre a mulher, sua representação e o fenômeno da violência de gênero como sendo inerente a este romance. Com esse fim foram elaboradas as seguintes perguntas de investigação: I) como se caracteriza a mulher nessa narrativa, partindo de um olhar decolonial? II) Como a violência de gênero está representada no romance de Melo, a partir do hiper-realismo distópico?

A pesquisa é de natureza qualitativa-interpretativa e está embasada nos estudos em torno de gênero numa perspectiva decolonial (Lugones, 2008; 2014;); da estética da violência em romances de ficção de crime e detetivesca (Reimão, 1983; Ridd, 2014;); e no hiper-realismo distópico (Matias, 2012; 2013).

Em relação à estrutura, essa pesquisa se divide nos seguintes tópicos de estudo: (I) O contexto histórico das narrativas de ficção criminal ou detetivesca, e a construção da personagem feminina na ficção de crime; (II) As mulheres detetives através de um olhar decolonial; (III) A violência e o hiper-realismo distópico em *Mulheres Empilhadas*.

2 Do contexto histórico das narrativas de ficção criminal ou detetivesca

Antes de discutir como se caracterizou o surgimento das narrativas de ficção de crime ou de detetive, irei primeiro buscar identificar o que pode-se considerar literatura de narrativa criminal ou detetivesca. E, em conjunto, trarei os elementos históricos que foram cruciais para sua definição e formação na perspectiva literária ocidental. Para essa discussão inicial, meus estudos se embasaram em Sandra Reimão (1989), Fernanda Massi (2011), dentre outras autoras/es.

A narrativa de crime ou de detetive é mais conhecida no Brasil como ficção policial, entre o público leitor e até mesmo pelos grandes críticos literários brasileiros. Apesar de ser de conhecimento de boa parte dos leitores desse gênero que as ficções “policiais” não são institucionalizadas como exclusivamente policiais, o termo “ficção detetivesca” ou “ficção criminal” não foi aceito pelo público leitor brasileiro (Ridd, 2014, p.17).

Em contraposição ao senso comum brasileiro, a minha escolha pela adoção do termo ficção criminal ou de detetive se deu justamente por entender que essas narrativas acontecem

em torno do crime, seja centrada numa investigação criminal, seja na figura do criminoso ou da vítima. Como aponta Massi (2011), esse tipo de narrativa se concentra na tríade crime- vítima-detetive.

Além disso, como poderá averiguar-se mais adiante, neste trabalho, a personagem-investigadora, apesar de trabalhar juntamente ao setor judiciário, se posiciona criticamente à categoria policial, outra característica predominante nas narrativas de ficção de crime. Dito isso, direciono agora essa discussão para o surgimento da ficção detetivesca para delinear como se forma esse gênero em seu contexto inicial.

Segundo estudiosas do gênero detetivesco, como Sandra Reimão (1989), o surgimento da narrativa de crime acontece com a formação do conto moderno, mais precisamente com a publicação do conto “Os assassinatos da Rua Morgue”, de Edgar Allan Poe (1841).

Em sua estrutura, a narrativa deste conto apresenta um narrador-personagem desconhecido, que é próximo do detetive, o excêntrico detetive, Auguste Dupin; um acontecimento (crime), a análise do crime e a culminância da narrativa, que consiste na resolução do problema ou crime. Sendo toda a narrativa na forma memorialista.

No conto, temos o protagonista-detetive Dupin, descrito como um homem de personalidade analítica, mais introspectivo e que se posiciona criticamente à polícia e aos seus métodos de investigação. Na história são apresentadas duas mulheres vítimas de assassinatos, onde uma é estrangulada e outra decapitada.

A polícia prende um suspeito, mas Dupin avalia a situação do crime e questiona a resolução da instituição, indo atrás de evidências para uma outra solução do caso. No final, descobre-se que o assassino, na verdade, era um orangotango em fuga.

A partir deste conto, a crítica literária tem creditado também Dupin como o primeiro-personagem detetive consolidado na literatura ocidental de ficção moderna. Entretanto, apesar de ser precursor de Sherlock Holmes, Dupin não é muito conhecido em razão de ter aparecido somente em três contos do Poe, que morreu com apenas quarenta anos.

Em concomitância à publicação deste conto, havia uma sociedade capitalista em estabilização de sua modernização, bem observadas pelo autor e seus personagens. Assim também, grandes transformações científico-tecnológicas e filosóficas estavam acontecendo naquele momento (datado na primeira metade do século XIX).

Como apontam Reimão (1989) e Hotti (2023), o autor conseguiu apreender nessas narrativas o aumento da criminalidade a partir da urbanização, dentre outros fatores sociais que influenciaram na formação da modernidade e que implicaram no sujeito moderno e na

ficção moderna que ali surgia. Anos mais tarde, teríamos a ficção de crime de Arthur Conan Doyle e seu mais famoso detetive, Sherlock Holmes.

Laís Valentim (2020), elaborou uma análise comparativa entre os personagens Dupin e Holmes que é de grande relevância para esta seção. A análise buscou entender as semelhanças e diferenças existentes entre eles.

Das principais semelhanças notou-se que ambos são detetives amadores de personalidade arrogante, são observadores, lógicos, de inteligência superior e introspectivos. Além disso, o método investigativo de ambos se aproxima, principalmente, tendo em vista que os dois detetives são imunes aos crimes.

Em relação às diferenças pode-se mencionar várias, mas destacarei aqui as que considero mais destoantes. O método de investigação de Dupin é mais voltado ao uso da lógica, alinhado ao movimento positivista em sua fase inicial. Enquanto Holmes, por exemplo, tem como base a dedução lógica.

Outra diferença em destaque entre os dois personagens é que Dupin não tem muita profundidade psicológica, isto é, nós leitoras/es não conseguimos obter grandes informações sobre ele, apenas um esboço. Já sobre Holmes, por intermédio de Watson, há grandes informações de gostos, hobbies, etc.

Uma possível justificativa para essa diferença entre ambos pode estar relacionada ao fato de que Dupin só aparece em três contos e Holmes está presente em uma vastidão de narrativas de diferentes espaços ficcionais, isto é, tanto em formato de conto quanto no romance.

2.1 A construção da personagem feminina na ficção de crime

Nina Ridd (2014), em seus estudos sobre a literatura de ficção criminal aponta os grandes cenários que constroem essa ficção ao longo da história deste gênero e irá dizer, por exemplo, que o surgimento do detetive policial está em detrimento do fato dos métodos detetivescos românticos não ter o êxito em acompanhar as revoluções tecnológicas do século XX.

Ridd continua a sua discussão em torno dos perfis detetivescos que irão sendo formados a partir dessa literatura e me chamou à atenção o que ela adota como perfil ideológico da literatura de crime, que considera como estruturalmente conservadora.

Na minha perspectiva e análise, entendo o gênero literário como inscrito socialmente, por isso volátil e sujeito às mudanças dos tempos. Dessa forma, minha posição de leitora-

crítica dessa literatura é não enxergar por um perfil conservador, patriarcal, mas como subversiva, do ponto de vista que irá ser discutido posteriormente neste trabalho.

A análise estruturalista da ficção policial serviu de base para reforçar a visão desse gênero como uma paraliteratura ou, até mesmo, não-literatura, ou como narrativa inerentemente conservadora e masculina, posições que nos interessa questionar (Mendonça, 2017; p. 11).

A apresentação e a representação de mulheres no papel de detetive nas ficções de crime são, inicialmente, uma afronta à estrutura patriarcal. Pois essa posição incide, claramente, num papel de privilégio e poder (Ridd, 2014, p.39).

A partir da leitura das personagens detetives enquanto mulheres é provável perceber que a adoção desse papel investigativo subverte um padrão narrativo que outras autoras, como Ridd (2014), irão considerar como “masculino” ou “conservador”, quando se trata das narrativas de crime.

As pesquisadoras Devidiuk e Huliak, durante a pesquisa sobre a transformação das detetives mulheres entre os séculos dezenove e vinte, também observam que a maioria das escritoras abandonam o método de investigação conservador e procuram colocar cargas significativas, sentimentos e emoções em seus personagens (Devidiuk & Huliak, 2022, p. 28, tradução minha).

Dessa forma, chega-se a um primeiro ponto de consenso entre diversas autoras que afirmam que sim, as mulheres enquanto personagens detetives subvertem a forma de investigar tipicamente masculina. Do mesmo modo, é possível notar ainda que as formas narrativas masculinas repetem padrões em torno dos estereótipos de gênero e da concepção do que é ser mulher. Vale ressaltar que estamos lidando com narrativas ocidentais entre meados do século XIX ao atual século XXI.

A mulher “digna” do papel de investigadora/detetive se submetia a determinada realidade para que fosse viável sua atuação. Para acentuar essa discussão irei tomar como exemplo a Miss Marple (de Agatha Christie): suas características, seus métodos investigativos, dentre outros elementos que fazem-nos notar as diferenças que se estabelecem entre detetive mulher e o detetive homem.

Para começar, menciono aqui o conto da Agatha Christie intitulado *Santuário* (1979) onde a investigadora do caso é a famosa Miss Marple. No conto, a detetive é convidada pela personagem *Brunch* (conhecida como esposa do vigário na pequena cidade de Chipping Cleghorn) para investigar a morte de um desconhecido que ela encontrou morto na igreja.

Nesta narrativa, pode-se notar a pequena e brilhante participação na resolução do caso pela personagem Miss Marple. Digo pequena porque Brunch desempenha um papel

importante na investigação ou até atua como auxiliar da detetive principal. É brilhante porque sua participação, ainda que pequena, consegue mobilizar muitas pessoas e causar a resolução do crime.

É interessante observar que quando as duas personagens se encontram comentam sobre a diferença do posicionamento entre homens e mulheres no contexto em que estavam situadas. Elas entendiam suas atribuições pela sociedade e, por isso, atuavam como simples domésticas.

Quando vai encontrar Miss Marple, Brunch, em busca da resolução do caso, sai de sua cidade quase que às escondidas de seu esposo porque tem consciência do seu papel e de que seu companheiro lhe proibiria qualquer envolvimento.

Esses fatores sociais estão presentes na narrativa e nos servem como demonstração dos limites em que se encontravam as mulheres naquele contexto histórico. Além disso, servem para elencar quais elementos caracterizam as mulheres detetives num primeiro momento, enfatizando as narrativas modernas.

Ao ler as resenhas das obras de Agatha Christie, mais especificamente, do livro *Os últimos casos de Miss Marple* (2011), pude notar os adjetivos constantemente empregados à detetive Miss Marple. Termos como velhinha, tricoteira, fofqueira, senhora solteirona, dentre outros são interessantes para pensar a construção da personagem feminina na posição de detetive.

No artigo *The Paradox of Miss Marple: Agatha Christie's Epistemology* (2016), Kimberly Maslin propõe um outro olhar para essas categorias indo de encontro com o pensamento hegemônico sobre a verdade, a razão e outros termos que mediam o fazer detetivesco na literatura clássica.

Dito isso, Agatha Christie desafia a epistemologia clássica ao propor uma investigadora como Miss Marple, que é dotada de intuição e atenta às conversas populares. Christie desafia de forma sutil a dicotomia entre objetivo e subjetivo e legitima as hipóteses intuitivas de suas personagens (Maslin, 2016, p. 107).

A despeito do avanço proposto pela autoria feminina de Agatha Christie, percebe-se ainda os elementos composicionais da narrativa (ou o método narrativo de investigação) que estão interligados ao que se identifica como ficção detetivesca ou criminal, vinculado ainda a um ideal de ordem, de resolução do caso.

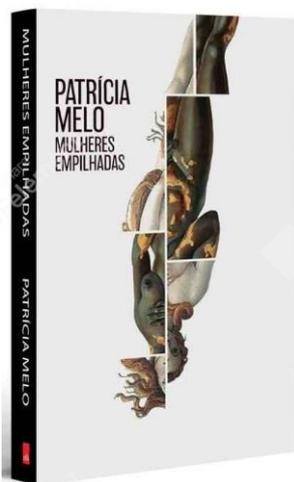
Nas narrativas de crime atuais, especificamente na que está sendo analisada neste trabalho, isso não acontece. Isto é, embora haja uma preocupação nas resoluções dos crimes, já não há um método para o estabelecimento da ordem, como veremos adiante.

3 A representação da mulher na ficção detetivesca (ou de crime), de Patrícia Melo

A violência de gênero e a forma como as mulheres são concebidas nesta narrativa são as principais temáticas do romance, que buscarei abordar na investigação, pois estão estreitamente ligadas à construção da obra, conforme pode se observar a seguir.

A começar pela edição visual do livro, sua apresentação aos leitores, ou o seu projeto gráfico, que foi elaborado pelo designer e ilustrador Kiko Farkas.

Figura 1 - Capa do Livro



Fonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Na construção da capa temos a apresentação de duas obras renomadas no campo da pintura: *O nascimento de Vênus* (1483), de Sandro Botticelli, e *Birth Of Oshun* (2017), de Harmonia Rosales. Onde se tem o encontro de duas mitologias que versam sobre a concepção da feminilidade, oriundas de contextos totalmente opostos.

Uma remete à mitologia grega quando retrata a deusa Vênus, enquanto a outra tem em sua referência a mitologia iorubá quando representa a figura de Oxum. Ambas as figuras estão relacionadas com representações do ideal feminino em culturas e contextos distintos, sendo a primeira retratada por Botticelli, obra produzida no século XV d. C, e a segunda no século XXI, mais precisamente, em 2017.

A primeira obra remonta a ideia eurocêntrica de representação feminina. Enquanto a segunda é uma ressignificação decolonial do ser mulher, como analisa a pesquisadora e curadora de arte, Julia Baker (2021, n/p):

Oxum é a rainha das águas doces, senhora da beleza e sensibilidade. Na pintura de Rosales, ela substitui a Vênus de Botticelli, que também emerge das águas, segundo a

mitologia romana. A imagem de Rosales é de uma mulher negra com vitiligo pois, como diz a artista: “as imperfeições são coisas bonitas”. Mulheres são reais, mesmo quando pertencentes a narrativas de cosmologias ancestrais. O cenário da pintura é tropical e não uma paisagem europeia. As outras figuras são homens e mulheres negra/os que recebem Oxum para acolher seu lançamento e a recebê-la nesse novo mundo.

Nessa perspectiva, a obra faz um convite, em sua apresentação, para um olhar decolonial do ser mulher no contexto da sociedade patriarcal. A questão da decolonialidade não se limita ao seu projeto gráfico, mas atravessa todo o romance com as reflexões promovidas pelas personagens, as representações sociais e culturais que permeiam a narrativa.

Foi com uma leitura mais profunda que cheguei à conclusão de que o olhar para a mulher no romance de Melo, partindo de uma leitura crítica feminista apenas, não seria o suficiente.

A adoção do conceito de decolonialidade está para a categoria de análise da sujeita mulher na representação literária, mas também pode significar um posicionamento político de minha investigação, como resistência, ou uma impermanência em contraponto às epistemologias de gênero eurocêtricas.

Além disso, ao passo que relia o romance também comecei a leitura da tese "*Cicatrizes Urbanas: a violência através da lente do detetive ficcional*" (Matias, 2012), o que motivou um olhar ainda mais aguçado sobre a estética narrativa da violência que Melo apresenta aos seus leitores e às suas leitoras.

A obra, de caráter polifônico, possui três fios narrativos pautados sobre perspectivas diferentes em torno do ser mulher. Destaco aqui o primeiro plano narrativo para dar início a discussão da relação entre mulher e violência:

Morta pelo marido
Elaine Figueiredo Lacerda
sessenta e um anos,
foi abatida a tiros
na porta de sua casa,
num final de tarde de domingo.
(Melo, 2019, p. 6).

No primeiro, como foi demonstrado, sempre nos é apresentado o relato de um feminicídio, em um formato que lembra o gênero textual de um boletim de ocorrências policial. Isso é do começo ao fim do romance. Ainda nessa parte, à mulher é dado nome, idade e uma descrição do seu assassinato. A entonação é também a de uma notícia que, ao mesmo tempo, se assemelha a um obituário. Assim, o título do romance é bastante

convicente quando emprega o termo “empilhadas”. São muitas as mulheres drasticamente mortas.

Enquanto que no segundo plano, a narrativa concentra-se na trama central do romance, neste acompanhamos uma narrativa não linear, caracterizada pela jornada de uma advogada não identificada que conta não só sua história e investigação, mas também testemunha e denuncia o feminicídio de centenas de mulheres.

A ideia do “sem nome” é justamente representar diversas mulheres. A narradora-personagem, narra sua história e conta as das demais. Por uma perspectiva psicanalítica, pode-se dizer que a narrativa central do romance representa uma metáfora para a narradora personagem.

A minha intenção é relacionar a narradora, enquanto mulher e detetive, às violências e às preocupações do seu contexto a partir de um olhar decolonial. Dito isso, destaco aqui como a trama começa. A narradora inicia a história com um relato da experiência de agressão que sofreu com o ex-namorado e colega de trabalho.

Lembro da sensação de ser empurrada para dentro do lavabo pelo meu namorado, que surgiu do corredor, transtornado, vindo dos quartos, “Com quem você estava?”, gritava ele. “Onde você se meteu?” A música fazia tudo vibrar, eu quase podia sentir seu ritmo pulsando sob meus pés, na ponta da minha língua, e enquanto ele apertava meus braços, me prensava contra o mármore frio na parede, eu não respondia, não conseguia reagir, na verdade não conseguia entender que era eu mesma quem estava vivendo aquela cena de novela barata, euzinha que tinha diante de mim aquele delicioso parceiro sexual, um homem atlético, culto, cheio de humor, a quem eu começara a chamar de namorado havia poucos meses, e que até então era tão cortês, respeitoso e amável quanto eu desejava que namorado pudesse ser, e que continuava gritando, numa fúria possessiva e sem motivos. Só o que consegui fazer, enquanto tentava me defender e me livrar de seus braços, foi dar uma risada. Só isso. E aquele meu sorriso tenso, meio atrofiado, fez com que seus olhos ganhassem um brilho selvagem, como o de certos cães antes do ataque.

Paf. Até então, nunca tinha levado um tapa na minha vida.

No rosto.

– Vadia – me disse ele antes de deixar o banheiro. (Melo, 2019, p. 8-9).

É importante notar que imersa no mundo jurídico, como advogada, a narradora não esquece de pontuar desde o início da narrativa sua postura em relação ao sistema judiciário brasileiro.

O sistema é feito para não funcionar. Lá na ponta, quem investiga olha a vítima com desprezo, é só uma mulher, pensa. Uma preta. Uma puta. Uma coisa (Melo, 2019, p. 19).

Outra questão é que a personagem reconhece sua posição na fila de privilégios quando menciona, já no início da narrativa, a diferença entre as mulheres mortas e, vale ressaltar, investigadas, que são brancas, e o descaso frente às mulheres pretas, pardas e indígenas por parte da justiça brasileira.

Dito isso, entende-se que essa narradora tem consciência de sua realidade, dos limites impostos e empregados a ela. Isso é importante para compreender como essa personagem irá fazer sua jornada de investigação e de autoconhecimento (que também é uma forma de auto-investigação).

Logo após a agressão sofrida pelo ex-namorado, Amir, a advogada parte para o Estado do Acre com cento e oitenta casos de feminicídios ocorridos ali, com o intuito de acompanhar os julgamentos com mais profundidade de modo que os dados coletados formassem um livro por coordenação de sua chefe de escritório, Denise Albuquerque, cujo objetivo era entender “como o estado produz assassinos ao sancionar a assimetria nas relações de gênero” (p. 24).

O desdobramento e repercussão das violências cometidas por Amir tornam-se catalisadores para reconstrução de um olhar ainda mais investigativo em torno de si mesma, dos acontecimentos traumáticos que vivenciou na infância e as violências que irá acompanhar de perto em Cruzeiro do Sul.

Feito essa apresentação, o terceiro plano narrativo é considerado onírico, visto que se passa em uma realidade paralela, ou poderíamos dizer utópica, na obra de Melo. Neste plano, as narrativas sempre começam com uma letra do alfabeto grego, à exemplo disso, o primeiro capítulo tem como título a primeira letra “ALFA”.

Nesta parte da narrativa encontramos também a poesia ou pode-se considerar uma espécie de “alívio” para as mulheres. É como se no processo de leitura, em meio às mortes, em razão da impunidade proporcionada pelo Estado e pelo patriarcado, encontrássemos com as ideias de justiça, de felicidade e, ao meu ver, de decolonialidade.

Alguns elementos nos demonstram isso, como a ideia de fuga da realidade imposta, a presença de um misticismo, de uma espiritualidade tipicamente brasileira, que remonta uma ideia de resistência por parte das mulheres, a constante recorrência ao conceito de ancestralidade e, por isso, uma realidade decolonial.

3.1 A detetive em *Mulheres Empilhadas*: gênero e decolonialidade

Nas seções anteriores discorri brevemente como foi formada a figura do detetive na literatura clássica e como esse papel foi empregado para as mulheres no século XX, com a demonstração da representação da detetive mulher em Agatha Christie, por exemplo. Além disso, foi apresentado o emprego de alguns termos utilizados para se referir a Miss Marple e a relação entre esses termos e seu fazer detetivesco.

Nesta seção pretendo discorrer sobre a representação das detetives mulheres no romance *Mulheres Empilhadas*, tomando como exemplo partes da narrativa e relacionando-os

com as teorias em torno de gênero e decolonialidade. Antes de analisar a mulher, enquanto detetive na obra de Melo, vale observar também o conceito de representação que é concebido neste estudo para apresentar a mulher exercendo esse papel.

Ridd (2014, p. 51) afirma que:

A representação cuidadosa na arte, assim como na história, serve para que se lembre daquele universo representado, serve para que não se esqueça a história daquela etnia, daquela identidade, daquele gênero, daquele povo. Serve para manter vivo na memória das futuras gerações a lembrança da existência, dos fatos vividos, das lutas ganhas ou perdidas. Um erro comum é tentar fazer com que as futuras gerações consigam sentir, consigam se colocar no lugar daqueles que viveram a história no passado.

Nessa perspectiva, busco compreender também o exercício do ser detetive, pelas mulheres que compõem o romance de Melo, partindo, principalmente, das epistemologias de gênero desde as concepções dos feminismos decoloniais.

A decolonialidade parte do pressuposto de que houve um processo de colonização sobre diferentes povos, principalmente, sul americanos. Esse processo nos fez retroceder para um pensamento eurocêntrico de dicotomias, ou, como Lugones denomina, de “lógica categorial” (Lugones, 2014, p. 935).

Para autoras como Lugones (p.936), uma distinção hierárquica dicotômica imposta por esse eurocentrismo foi também aquela que diferenciou homens de mulheres e empregou papéis e espaços para cada um.

Assim, refletir sobre a mulher numa perspectiva decolonial é se desprover das diferenças sociais de papéis, dos estereótipos que foram impostos e partir da compreensão de que “mulher” também é uma epistemologia moderna.

Ler as mulheres desde uma perspectiva decolonial consiste então em enfrentar os paradigmas modernos capitalistas impostos às mulheres, às representações do ser mulher, entre os quais atravessam-se as questões sociais, econômicas, epistemológicas e até espirituais (Lugones, 2014).

Estabelecer um olhar decolonial significa na prática desta análise fazer uma releitura entre as concepções do ser mulher, a profissão aqui exercida, os setores da sociedade, como o judiciário, e as violências entendidas como produto dessa modernidade.

A decolonialidade é entendida aqui como um espaço teórico e prático de resistência às lógicas hierárquicas e categóricas capitalistas, que implica no sofrimento e apagamento de histórias, culturas, saberes e na anulação do ser pessoa.

Diante desse posicionamento, posso argumentar sobre como mulheres desta narrativa são colocadas, por um lado, sob o olhar factual da sociedade patriarcal, e, de outro, sob um espectro utópico, esperançoso e como isso foi representado.

A começar pela narradora não identificada, temos a representação de uma mulher branca, do sudeste do Brasil, advogada, órfã de mãe e pai, cuidada por sua avó, e que sofreu violência no recente relacionamento mal terminado.

Essa mulher vai ao Estado do Acre a trabalho, com o objetivo de investigar a relação entre Estado e violência de gênero, ao mesmo tempo, a narrativa sugere uma fuga da grande São Paulo e da recente violência sofrida no relacionamento. A ambiguidade pode ser observada abaixo na fala da personagem (Melo, 2019, p. 24).

– Qual é a opção de trabalho mais longe de São Paulo? –
perguntei para a Bia, minha amiga que cuidava da seleção
dos advogados.
– Acre – respondeu ela.
Agora, eu estava ali.
Não se deve mexer com quem carrega um cadáver dentro
de si.

Em todo o momento da narrativa, desde seu início, a narradora busca o caminho para sua autodescoberta. Na última frase acima lemos “não se deve mexer com quem carrega um cadáver dentro de si”, que se encaixa perfeitamente na compreensão da narrativa enquanto metáfora, isto é, ao mesmo tempo em que a personagem investiga as mulheres ao seu redor, ela também investiga sua própria história.

É perceptível que a detetive deste romance não possui as mesmas características definidoras para esse exercício como nas ficções criminais clássicas. Isto é, detetive de racionalidade, voltada para uma experimentação ou lógica. Pelo contrário, a jornada de investigação é múltipla. Trata-se de buscar algo que não é em si a verdade. A preocupação está em livrar-se de amarras sociais, em investigar casos que talvez não tenham solução pois já sabe-se quem é responsável e/ou criminoso.

Outro elemento dessa detecção é a sensibilização com a vítima, a empatia ou a alteridade: “Enquanto eu caminhava para o fórum, lembrei das fotos de minha mãe espalhadas pela nossa casa na minha infância” (Melo, 2019, p. 32). A partir de uma perspectiva decolonial o subjetivo não é anticientífico e o comum não tem de ser falso.

No romance, quando o caso da indígena Txupira é apresentado às leitoras e aos leitores, nota-se a capacidade analítica que caminha com o olhar sensível da detetive. Observe em destaque que sua descrição, análise e conclusão são contundentes

A foto mostrava três rapazes sorridentes – o mais velho não devia ter vinte e cinco anos –, encostados num SUV preto, enlameado. Botas & chapéus. Figuras másculas.

Ao fundo, à direita, um tanto desfocados, outros moços, todos com copos de cerveja na mão. O cenário não poderia ser melhor, céu limpo, piscina azul, o tipo de imagem que faz a gente pensar num montão de dinheiro, papai rico, vida feita, sem preocupação. Estudantes universitários, dizia a legenda. Meninos sortudos, era a conclusão óbvia. Nada ali antecipava a psicopatia do trio que estuprou, torturou e matou uma adolescente da aldeia Kuratawa (Melo, 2019, p. 32, *grifo meu*).

É possível notar ainda que apesar de quase toda a narração acontecer entre os personagens que lidam com o direito penal, não há espaço de privilégio para uma epistemologia positivista-judiciária. A narradora e investigadora do caso Twupira se posiciona criticamente ao observar que o julgamento de uma indígena é na língua do outro, do colonizador.

Ao ver sua expressão vazia, me dei conta da sua tragédia.

Ela iria assistir ao julgamento de uma jovem do seu clã, morta

da pior maneira possível, sem entender nenhuma palavra (Melo, 2019, p.31)

As mulheres enquanto detetives nesse romance são duas: a narradora-personagem e a promotora de justiça Carla Penteado. A advogada Carla Penteado é extremamente relevante para o desfecho da trama, descrita como uma mulher preta, ousada, do Sudeste, é a promotora de justiça responsável no caso da indígena Txupira e vítima do próprio Estado para o qual trabalha. Carla é a personagem que nos fornece a visão de dentro desse setor, mostrando como a justiça do país é ineficiente.

A narradora-personagem e detetive não segue o padrão clássico investigativo com início, meio e fim, mas não deixa de apresentar características exigidas para determinar o exercício dessa profissão de um ponto de vista literário. A primeira característica que permite indicar o exercício da detecção está em razão de sua posição enquanto pesquisadora e, poderia dizer, de pesquisa-ação, já que ela não está inerte ao que está acontecendo.

Em segundo lugar, possui seus próprios métodos de investigação a partir de um olhar analítico, intuitivo e crítico da sociedade e dos grupos sociais que cercam os casos. A todo o momento denota estar refletindo sobre os acontecimentos e relacionando-os com outros fatos, sejam sociais ou pessoais.

A experiência pessoal e a leitura crítica de mundo são cruciais para a análise dos casos, desde a vivência das personagens detetives no romance. A coleta de dados é feita através das conversas com os moradores locais, mas também através de dados jornalísticos, o noticiário.

3.2 A violência de gênero e o hiper-realismo distópico

Matias (2012, p. 245) afirma que a estética de violência na literatura de ficção criminal é “um veículo de comunicação” e não “um fenômeno que se encerra em si mesmo”. Esse é um ponto importante para destacar sobre a violência estruturante (Segato, 2003) representada em Melo.

Na obra não são apenas as violências contra as mulheres que são denunciadas, mas há também a denúncia contra a permanência da violência simbólica, instrumentalizada pelas instituições e o apelo em razão do descaso pela demarcação de territórios indígenas, por exemplo.

Por essa razão, naquele dia, depois do fórum, fomos até a aldeia de Txupira. Carla queria lhes explicar o que estava acontecendo. Queria alertá-los para o perigo de violência. Já tinha avisado à Funai, e esperava que a Funai comunicasse ao Ibama. E que o Ibama fizesse algo. – Mas não tenho esperança, vivemos novos tempos – concluiu, quando pegamos a estrada. – Essas famílias nunca aceitaram a demarcação das terras indígenas. E agora se sentem autorizadas a entrar nas aldeias e ameaçar. Carla não estava contrariada pelo fato de os meninos terem sido assassinados. Estava, sim, temerosa de que os Kuratawa fossem culpabilizados por isso. E puta da vida porque não conseguiu condenar os assassinos de Txupira (Melo, 2019, p. 180-181).

Entretanto, não se pode fugir à temática principal do romance: o feminicídio. As mulheres no romance são submetidas a todos os tipos de violência possível, mas aqui destaco as expressões “simbólica” e “de gênero” para observar as ações implícitas ou omissas na sociedade que estão denunciadas na narrativa.

O outro réu, embora tenha sido considerado culpado pelo júri, teve destino igual. O juiz, levando em conta que o acusado era distribuidor de refrigerante para todo o estado, grande patrocinador da vida cultural da cidade, réu primário e bom pai, deu-lhe como sentença um ano de prisão. Um ano! Mas, com o sursis que lhe foi concedido de imediato, o assassino também saiu dali pela porta da frente, livre como um passarinho (Melo, p. 59).

A violência simbólica (Bourdieu, 2003) na perspectiva do gênero (Lugones, 2014) aqui empregado é aquela determinada pelas categorias mencionadas anteriormente, de lógica opressiva e categorial, que colocam a mulher inconscientemente sob a condição de subserviente de uma dominação masculina.

Com efeito, o enfoque hiper-realista distópico (Matias, 2013) na narrativa compõe um modelo de narrativa cuja proposta é relacionar a violência, a prática do feminicídio, com sua banalização na sociedade. Percebe-se na abertura da trama a forma como foi descrita a ação violenta sofrida pela narradora e personagem, promovida pelo namorado Amir (Melo, 2019, p. 8-9).

Lembro da sensação de ser empurrada para dentro do lavabo pelo meu namorado, que surgiu do corredor, transtornado, vindo dos quartos, “Com quem você estava?”,

gritava ele “Onde você se meteu?” A música fazia tudo vibrar, eu quase podia sentir seu ritmo pulsando sob meus pés, na ponta da minha língua, e enquanto ele apertava meus braços, me prensava contra o mármore frio na parede, eu não respondia, não conseguia reagir, na verdade não conseguia entender que era eu mesma quem estava vivendo aquela cena de novela barata, euzinha que tinha diante de mim aquele delicioso parceiro sexual, um homem atlético, culto, cheio de humor, a quem eu começara a chamar de namorado havia poucos meses, e que até então era tão cortês, respeitoso e amável quanto eu desejava que um namorado pudesse ser, e que continuava gritando, numa fúria possessiva e sem motivos. Só o que consegui fazer, enquanto tentava me defender e me livrar de seus braços, foi dar uma risada. Só isso. E aquele meu sorriso tenso, meio atrofiado, fez com que seus olhos ganhassem um brilho selvagem, como o de certos cães antes do ataque. Paf. Até então, nunca tinha levado um tapa na minha vida. No rosto. – Vadia – me disse ele antes de deixar o banheiro.

Primeiro, a descrição de uma violência psicológica e, em seguida, a agressão física (o tapa). E, por último, a verbal (“vadia”). Essa sucessão de acontecimentos assim descritos em minúcia pode levar o público leitor a uma angústia. Essa angústia torna-se o gatilho para um impacto proposital no leitor e na leitora. É o que consiste na estratégia narrativa utilizada pela autora para incomodar o seu público leitor, a partir de um efeito hiper-realista distópico.

Matias irá discorrer sobre essa epistemologia relacionando a descrição exagerada com a tentativa de aproximação do sensível. Sensibilizar seria a palavra apropriada, mas talvez, mais que isso, que cause repugnância em alguns momentos. É o que Stuart Hall vai trazer como alteridade.

O exagero na descrição de cenas cruéis e sensoriais e a dramatização da violência podem despertar o sujeito de seu estado letárgico diante de uma violência cada vez mais banalizada pela mídia. Além disso, pode ser que tal violência não se encerre em si, mas que ela seja, de fato, um meio, uma linguagem para nos comunicar algo. (Matias, 2013, p. 98).

Partindo desse pressuposto, o tapa é um divisor de águas na narrativa central deste romance, tanto para a narradora-personagem quanto para nós leitoras/es. É a partir daí que se inicia a nossa jornada com a violência das mulheres como Txupira e outras, bem como com os processos de investigação da advogada e pesquisadora. A crescente tensão que antecede a violência física é, nesse caso, a própria expressão hiper-realista distópica, por seu pessimismo colocado de forma pungente e manifestado pelas descrições detalhadas da cena violenta.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada sobre o romance *Mulheres Empilhadas* foi possível

chegar à conclusão de que o olhar para a representação de mulheres na ficção criminal, desde uma perspectiva decolonial, promove uma descaracterização epistemológica que defende a (r)existência de mulheres. Além disso, nota-se que é viável fazer releituras decoloniais em relação às formas narrativas e seus elementos, ressignificando-os com base em conhecimentos produzidos localmente.

Com base no hiper-realismo distópico, consegui notar as diferentes estratégias utilizadas pela autora para promover uma relação de alteridade entre público-leitor/a- receptor/a da obra e a temática do feminicídio discutido e representado na obra de Melo. Seu efeito desestabilizador é, portanto, percebido como uma estratégia narrativa, em cuja estética pretende-se desbanalizar a recorrência violenta de atos cruéis, como o feminicídio, por meio de um efeito de realidade hiper-realista (minuciosamente detalhado) e distópico (representativo de um contexto indesejável).

REFERÊNCIAS

Baker, Julia. *Birth of Oshun (2017) – Harmonia Rosales*. Disponível em: <https://napupila.com.br/2021/12/02/birth-of-oshun-2017-harmonia-rosales/>

Bourdieu, P. *A Dominação Masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, 160p.

Christie, A. Os últimos casos de Miss Marple. L&P, 2011.

Devdiuk I., Huliak T. Transformation of the female detective image in the 19th and 20th centuries English female detective prose // *Філологічні трактати*. 2022. T. 14, № 1. C. 27-34. [https://www.doi.org/10.21272/Ftrk.2022.14\(1\)-3](https://www.doi.org/10.21272/Ftrk.2022.14(1)-3)

Farkas, Kiko. *Uma descrição*. Disponível: <https://www.kikofarkas.com.br/sobre/> Acesso em: 2 de abril de 2024.

Hott, L. O. *Literatura e direito: a origem social da ficção de detetive*. Revista Vox, [S. l.], n. 16, p. 142–164, 2023. Disponível em: <http://www.fadileste.edu.br/revistavox/index.php/revistavox/article/view/62>. Acesso em: 2 abr. 2024.

Matias, M. V. *Cicatrizes urbanas: a violência através da lente do detetive ficcional*. Leitura (UFAL), v. 1, p. 221-246, 2012. *Cicatrizes Urbanas: as narrativas da violência na ficção detetivesca*.

Maslin, Kimberly. *The Paradox of Miss Marple: Agatha Christie's Epistemology Clues*; Jefferson Vol. 34, Ed. 1, (Spring 2016): 105-1

Malaka [Seriado]. Direção: Marc Vigil, Carles Torrens & Chiqui Carabante. Produção: Javier Olivares. 1 temporada (8 horas), son., color. Espanha: RTVE, 2019.

Massi, Fernanda. *O detetive do romance policial contemporâneo*. Revista ProLíngua – ISSN 1983-9979P ág i n a | 80 Volume 2, Número 1–Jan./Jun de 2009.

Melo, Patrícia. *Mulheres empilhadas*. São Paulo: LeYa, 2019.

Ridd, N. L. *Investigando um perfil: representações da mulher detetive na literatura policial contemporânea inglesa e norte-americana*. 2014. 131 fls. Dissertação (Programa de PósGraduação em Literatura - Mestrado) – Universidade de Brasília http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/16806/1/2014_NinaLunaRidd.pdf

Reimão, Sandra. *O que é o romance policial?* São Paulo: Brasiliense, 2a. ed., 1990.

Lugones, María. Rumo a um feminismo descolonial. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3), 320, 2014.

UFMG. *Imagem da capa*. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/letras-recebe-lancamento-de-novo-romance-de-patricia-melo-seguido-de-debate>. Acesso em: 7 de dezembro de 2024.

Valentim, Laís. *Auguste Dupin e Sherlock Holmes: comparação das características das duas personagens em “Os assassinatos da Rua Morgue”, de Edgar Allan Poe e em “Um estudo em vermelho”, de Sir. Arthur Conan Doyle, respectivamente*. Revista Pandora, 17 de dezembro de 2020. Disponível em: https://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/livre.htm